



Nota de Apresentação

Os diálogos entre a literatura e outras formas de expressão artística são cada vez mais reconhecidos como um tema pertinente aos estudos acadêmicos da área de Letras. Como se trata de um amplo campo de investigação, deve-se ter em mente os muitos caminhos possíveis, que procuram acompanhar, inclusive, as próprias mudanças ocorridas no campo das artes e as transformações tecnológicas irrompidas ao longo do século XX. Assim sendo, o intuito deste dossiê Literatura Portuguesa e Outras Artes e Mídias, da Revista do Centro de Estudos Portugueses da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, é reunir discussões recentes sobre as diversas formas de se pensar as produtivas conexões entre o texto literário e as mais plurais expressões artísticas.

Dá início ao dossiê o texto de Denise Noronha Lima sobre o romance *Manual de pintura e caligrafia*, de José Saramago. A partir do termo “escrepintor”, pelo qual o narrador-personagem da história se define, a pesquisadora analisa como as relações entre literatura e pintura ajudam a compassar a fase de maturação na qual se encontrava Saramago.

Em seguida, o artigo de Fernando Velasco parte da ideia de natureza-morta na pintura, passando pelo cinema e pelo vídeo contemporâneo, e estabelece uma aproximação à poesia de Herberto Helder para pensar algumas imagens poéticas do tempo e da morte.

Na sequência, Julia Telésforo Osório nos apresenta análises rítmico-formais de três poemas-colagens do poeta Rui Pires Cabral, extraídos do livro *Biblioteca dos rapazes*, de 2012. Em atenção à relação que texto e imagem estabelecem no enunciado poético, a pesquisadora se dedica a balizar os conceitos de “verso”, “estrofe” e “ritmo”.

Já Patrícia Chanely Silva Ricarte se dedica a uma reflexão comparatista entre dois grandes poetas portugueses: Jorge de Sena e Luís Quintais. A partir dos livros *Arte da música*, de Sena, e *Depois da música*, de Quintais, a investigadora põe em relevo a reescrita da música pela poesia nessas duas obras, fundamentais para a modernidade e para a contemporaneidade, respectivamente.

Por sua vez, o artigo de Adilson Fernando Franzin ilumina o universo romanesco de Lídia Jorge em *A noite das mulheres cantoras*, de 2011. O universo da música, nomeadamente a *pop*, o mundo midiático e a vida cultural são os fragmentos que compõem a narrativa de Jorge e servem de alicerce para o argumento de Franzin.

O tema da música comparece mais uma vez, agora pelas mãos de Mauro Camilo de Chantal Santos e Patrícia Valadão Almeida de Oliveira, que perfazem minuciosamente os caminhos da canção “A casa do coração”, de Alberto Costa e Hermelindo Castelo Branco, composta sobre poema de Antero de Quental inspirado em Friedrich Rückert.

Herberto Helder volta a ser motivo de reflexão no artigo de Leonardo Chioda, que se debruça sobre o curioso caso de subtração de um poema depois do poeta tê-lo assistido em uma adaptação cinematográfica, caso registrado em *Photomaton & vox*. Além de ressaltar o apelo imagético desse poema, potencializado pela gravação sonora de Helder, é ainda parte do argumento do artigo a adaptação levada a cabo pelo grupo português O Dizedor.

Por seu turno, Thadeu C. Santos situa os videopoemas de Patrícia Lino e Matilde Campilho na história do experimentalismo poético em Portugal, destacando o surgimento da prática ainda na década de 60 com E. M. de Melo e Castro. As novas tecnologias de captura de áudio e vídeo, assim como as diversas plataformas de hospedagem e compartilhamento via *web*, são também matéria da reflexão do pesquisador, atento às formas de hibridismo na poesia portuguesa contemporânea.

Em seguida, Samira Pinto Almeida se dedica a elaborar uma abrangente pesquisa sobre os modos de representação da personagem negra no teatro português. Passando por diversos autores e épocas, o artigo destaca o olhar estereotipado de que a literatura frequentemente se utiliza para a construção dessas personagens e propõe novos desafios para os escritores negro-descendentes no campo do teatro.

Dando continuidade às reflexões sobre a literatura para o teatro, Carlos Gontijo Rosa analisa a peça *Anfitrião, ou Júpiter e*

Alcmena, do dramaturgo António José da Silva. O pesquisador destaca o aproveitamento do tema mitológico recuperado desde a Roma Antiga pela dramaturgia do século XVIII e ressalta os aspectos acrescentados na obra de língua portuguesa.

Já o cinema português anterior à Revolução dos Cravos é o mote para a discussão empreendida por Edimara Lisboa. Os filmes *Chaimite* (1953), de Jorge Brum do Canto, e *Mudar de vida* (1966), de Paulo Rocha, assim como o ensaio “A nau de Ícaro ou o fim da emigração”, de Eduardo Lourenço, são os sedimentos que conduziram a reflexão da investigadora, que empreende um amplo mapeamento das relações do cinema português do período com o salazarismo e sua política colonial.

Na sequência, João Cunha Borges realiza uma análise das representações de Lisboa na obra de Luisa Dacosta, destacando inúmeros aspectos arquitetônicos e históricos da cidade, em um momento de desenvolvimento e de urbanização planejada, utilizados pela escritora de Vila Real.

Fechando o dossiê, o ensaio em formato de vídeo de Maruzia de Almeida Dutra parte da leitura musicada do poema-livro *Clorântida*, de Rosalina Marshall. O ensaio busca, com isso, apresentar uma crítica expandida, imbricando diferentes tipos de mídias e de linguagens.

Na seção Vária, temos dois artigos sobre a produção de José Saramago. Enquanto o texto de Alex de Araujo Neiva ocupa-se em refletir sobre o espaço do romance *Ensaio sobre a cegueira* a partir do conceito de biopolítica, Karen Lorrany Neves Adorno vai ao *Memorial do convento*, ao lado de Aristóteles e de Silva Duarte, para refletir sobre a noção de cena de reconhecimento (anagnórisis) e sua função retórico-discursiva na condução do enredo saramaguiano, ressaltando as diferenças presentes no romance moderno português.

Encerra este número da Revista do Centro de Estudos Portugueses a seção de Resenhas. Maria Cristina Ribas expõe as linhas gerais do livro *O olho e a mão*, feito a muitas mãos. Isto porque a obra conta com 16 reproduções de quadros de artistas do século XIX e XX, acompanhados de poemas de Ana Marques Gastão e Sérgio Nazar David, tendo cada um escrito um poema para cada tela. Desse modo, cada núcleo é composto de uma imagem e de dois textos por ela provocados. Por sua vez, Glória

de Brito oferece uma percepção inicial de leitura do mais recente livro de ficção de Maria Graciete Besse, intitulado *O duplo fulgor do tempo*, que aproveita de nuances históricas de Almada, cidade metropolitana de Lisboa, para a construção das temporalidades de sua narrativa.

Acreditamos que o leitor atestará como a Literatura Portuguesa possibilita estabelecer pertinentes diálogos com outras artes e mídias, de modo a abarcar nesta discussão desde o teatro até as mais experimentais novas formas de expressão artística. Tem-se, então, um número que nos oferece um farto debate, capaz de comprovar a força dos estudos interartes na área de Literatura Portuguesa.

Patrícia Resende Pereira (UFSCar/CAPES)
Raquel dos Santos Madanêlo Souza (UFMG)
Roberto Bezerra de Menezes (UFMG/CAPES)
Sandro Santos Ornellas (UFBA)